

OPINIÃO

Os desafios do Rei

A SUBIDA do príncipe-herdeiro Abdallah Bin Abdalaziz ao trono da Arábia Saudita está longe de ser tarefa fácil. Isto, apesar de herdar um país que detém as maiores reservas mundiais de petróleo e os dois lugares mais santos para mais de mil milhões de muçulmanos. Mas o reino alberga contradições e enfrenta desafios estruturais:

* Com uma produção de dez milhões de barris de petróleo por dia, a economia saudita deveria ser florescente. Mas se milhares de príncipes vivem regidamente, milhões de sauditas conhecem uma grave miséria. Apenas 570 mil sauditas trabalham no sector privado e o desemprego dos homens (mais de 20%) contrasta com a presença de sete milhões de trabalhadores estrangeiros. Os sauditas não fazem estudos adaptados ao mercado, as suas universidades produzem demasiados diplomados em ciências religiosas e pregadores da «jihad».

* Há nove gerações que a Arábia assenta em dois pilares: o wahhabismo e os Saud. O terceiro pilar surgiu em 1945: os Estados Unidos. Riade viu-se então obrigada a separar-se dos wahhabitas autênticos, os fiéis de Bin Laden, na sequência do 11 de Setembro e, sobretudo, depois dos atentados em Riade, em Maio 2003. A repressão provocou uma desestabilização do regime, muito dependente do wahhabismo, a religião oficial. O regime teve de reprimir os wahhabitas que tinha criado e financiado e que agora constituem uma ameaça à dinastia.

* O choque de gerações é bem real: o Rei e os seus irmãos, os principais dirigentes do país, são octogenários e nonagenários, em virtude da transmissão horizontal do poder entre irmãos. Mas o país é muito jovem e não se reconhece nestes anciões. Os sauditas querem a mudança: alguns reclamam por mais islamismo, outros por uma monarquia constitucional e por um Estado de direito. Os porta-bandeiras do liberalismo estão na prisão há 18 meses. A Arábia Saudita está subjugada por uma monarquia absoluta, em ruptura com a modernidade. É o reino da corrupção e da má gestão. A justiça é arcaica e dependente do poder.

* As lutas intestinas dividem os Saud. Trata-se de uma competição entre clãs pelo controlo do poder político e dos petrodólares. A posição de cada príncipe é considerada um património garantido para os

seus filhos. Assim, a Guarda Nacional é «propriedade» de Abdallah e de seus filhos; o Ministério da Defesa «pertence» ao príncipe Sultan (ministro da Defesa há mais de 40 anos) e aos seus filhos; acontece o mesmo com o Ministério do Interior relativamente ao príncipe Nayéf e sua descendência... De facto, os Saud consideram a Arábia como sua propriedade e os seus cidadãos como «súbditos» e repetem frequentemente uma frase do seu pai: «Nós conquistámos a Arábia a fio de espada». As rivalidades internas obrigarão o Rei a ter em conta a relação de for-

ANTOINE
BASBOUS*

de e os seus cidadãos como «súbditos» e repetem frequentemente uma frase do seu pai: «Nós conquistámos a Arábia a fio de espada». As rivalidades internas obrigarão o Rei a ter em conta a relação de for-



SULTAN AL FAHED/REUTERS

FUNERAL DO REI FAHD DA ARÁBIA SAUDITA, NA TERÇA-FEIRA

ças no interior da dinastia. Abdallah é filho único pelo lado da mãe. Os seus irmãos ainda vivos são mais de 15, todos eles príncipes em posições sensíveis, que esperam subir ao trono e que impedem que o poder seja transmitido à geração seguinte.

* A Arábia enfrenta uma vizinhança desafiante, com as monarquias do Golfo, e perigosas, com as ambições nucleares de um Irão que acaba de colocar um «khomenista» radical na chefia do Estado, que poderá influenciar os xiitas sauditas que vivem na província petrolífera do Hassa. Sem esquecer o Iraque, agora controlado por um poder xiita e cuja rebelião, conduzida pelo sunita Zarkawi, um homem de Bin Laden, ameaça contaminar a estabilidade da Arábia, onde os wahhabitas fornecem à «jihad» do Iraque bombistas suicidas e generosos financiamentos.

Para fazer frente a todos estes desafios estruturais, o novo Rei, velho e cansado, não dispõe de tempo ilimitado nem da energia da juventude para conceber uma visão e traduzi-la em acções. A Arábia corre o risco de permanecer, com o Iraque e o Irão, no epicentro das crises que vão perturbar a ordem internacional nos próximos decénios.